

Pedro Tochas

O segredo está na megalista

São quatro páginas decisivas para uma viagem bem preparada e lá estão anotados desde os básicos de higiene até aos narizes em esponja vermelha. Só depois de olhar para elas atentamente, revelou a **Alexandra Couto** (texto) e **Nelson Garrido** (fotos), é que o comediante está pronto a partir. Quanto mais à deriva melhor



Os seguidores mais atentos da carreira de Pedro Tochas já o terão ouvido dizer que viagens profissionais são uma “granda seca”, porque o trabalho não deixa tempo para conhecer bem o destino e, na maioria das vezes, também não permite a companhia de alguém com quem se possam partilhar “as coisas giras que vão aparecendo ao caminho”. Entretanto, a carreira do comediante ainda se faz em grande parte no estrangeiro, onde ele permanece um total de cinco meses por ano, mas a sua visão das coisas alterou-se e já não dá lugar a expectativas frustradas.

No que se refere ao tempo, a gestão foi simplificada: faz-se o que há a fazer na viagem mas, se os espectáculos não deixam tempo para nada e a cidade parece “engraçada”, vai-se lá “segunda vez, só para passear”. Quanto à companhia, Pedro Tochas descobriu um bom remédio: “Como os amigos mandam muita conversa, mas à última cortam-se sempre, o melhor mesmo é não contar com ninguém e ir sozinho, porque de outra forma não se sai de casa.” O artista já não está para se chatear

“com essa coisa incrível que é a inércia à boa maneira portuguesa” e, além do mais, descobriu na sua companheira actual, a fotógrafa Raquel Viegas, a parceira ideal para as suas viagens. “Ela tem uma coisa fundamental que é aguentar ver montes de espectáculos e curtir”, explica Pedro Tochas. “Às vezes são 12 horas seguidas, só com intervalos para café, e ela gosta na mesma.” Raquel exhibe ainda a “característica espectacular de não ser dependente”, pelo que pode muito bem passar a tarde a ver roupa vintage enquanto a sua caracimete se deixa perder em lojas de banda desenhada.

Acertados os detalhes quanto ao destino e à companhia, em tudo o resto “o segredo está nas listas”. Após anos em viagens consecutivas, quase sem tempo para refazer a bagagem entre um destino e o outro, Pedro Tochas garante que é essa a sua fórmula de sucesso: “Tenho uma megalista de quatro páginas com tudo de que já precisei até hoje para viajar. De cada vez que vou a algum lado, faço uma cópia da lista, tiro de lá tudo de que não preciso nessa viagem e depois começo a enfiar na mala as coisas que sobram.”

Desse rol de essenciais constam básicos como mudas de roupa e artigos de higiene pessoal, e vários outros itens “importantíssimos”, como um nariz de palhaço para os espectáculos de teatro físico, uma balança de viagem para controlo do excesso de peso na bagagem, um set de *shaker cups* para actuações com malabarismo, um barrete de grossura suficiente para assegurar a escuridão em eventuais dormidas no aeroporto e um computador portátil já programado com séries



Bilhete de identidade

Pedro Nuno Simões Lopes dos Santos nasceu a 27 de Março de 1972 em Avelar, concelho de Ansião, distrito de Coimbra, numa família de “gente que não era comediante, mas sempre foi bem-disposta”. Na sua infância não houve momentos de humor que fizessem adivinhar o grande artista da *stand-up* e do teatro físico, e no liceu o rapaz optou até por Quimicotecnia, antes de várias experiências na Universidade de Coimbra: fez três anos da Licenciatura em Engenharia Química, acrescentou-lhes dois de Química Industrial e ainda começou um MBA em Gestão, cuja matrícula ficou entretanto suspensa.

Depois veio o Natal e mudou tudo. Estava-se em 1991, a Sociedade Filarmónica Avelarense preparava-se para comemorar a quadra e Pedro Nuno ajudou a organizar a festa, com tal empenho que, quando a equipa quis enriquecer o programa com algo mais do que música, o estudante de Química propôs-se fazer malabarismo. “Não é que tivesse material que chegasse para 15 minutos”, confessa, “mas consegui enganar o suficiente!”

O público achou graça, o recém-nascido *entertainer* também e foi assim que surgiu Pedro de nome artístico Tochas, que daí em diante aprendeu a arte no contacto com o público da rua, desabrochou com o Teatrão, desenvolveu o manejo dos malabares e da comédia física no norte-americano Celebration Barn Theater, prosseguiu estudos na Circomedia e, terminado o curso nessa escola de Bristol, lá regressou para uma especialização como bolseiro da Gulbenkian. “A

Fundação ajudou-me na altura em que eu mais precisava”, recorda, “e dei por mim a pensar que, se tinha uma instituição daquelas a apoiar-me, era porque estava no bom caminho”. Tendo sido “o primeiro artista português a obter uma licença para *stand-up comedy*”, Pedro Tochas consolidou a sua carreira em inúmeros festivais de artes de rua em Portugal e no estrangeiro, e afirmou-se também como protagonista de sala um pouco por todo o país, ao assinar produções como *O palhaço escultor*, *Maiores de 18*, *Work in progress*, *Já tenho idade para ter juízo*, *Este tem menos graça e Coisas*.

Fez humor para a SIC no *Programa da Maria*, falou de viagens perante as câmaras da RTP e, quando pensava regressar ao palco internacional, convidaram-no a realizar a campanha publicitária às águas Frize. Com total liberdade para criar os guiões desses anúncios, o comediante torna-se tema frequente de conversa em 2003 — graças ao “Tou que nem posso” e à palhinha do herói trespassado por uma espada de borracha — e chega a figura conhecida do grande público, sem cedências no seu registo próprio. Nesse percurso, Pedro Tochas soube ainda criar reputação como orador motivacional em grandes empresas, que apreciam não apenas a sua graça, mas também a perspicácia informal com que aborda áreas tão sérias quanto a educação, a indústria automóvel e farmacêutica, o sector da restauração ou o mercado financeiro e da energia.

Carimbo mais desejado

“Quero muito ir ao Japão, porque ainda não fui lá nenhuma vez”, declara Pedro Tochas. E enquanto espera que desapareçam os efeitos mais evidentes “desta confusão radioactiva”, avança já as razões para o interesse: “Adoro tecnologia e sushi — e lá é o paraíso dos gadgets e onde se faz o sushi mais *hardcore*.”

As viagens de eleição

InterRail pela Europa

A viagem mais marcante de Pedro Tochas foi um InterRail pela Europa, em 1996. “Era para ir com amigos, mas depois eles cortaram-se e resolvi ir sozinho”, recorda. “Andei em festivais de malabarismo e teatro de rua em vez de ver monumentos, e quando passei pelo de Edimburgo apaixonei-me.” Pedro Tochas garante que esse é o seu “sítio preferido de todos os tempos” e que foi graças ao Edinburgh Fringe que prestou provas para a Circomedia. “Vi todo um mundo alucinado do qual eu já queria fazer parte e assim fiquei com a certeza absoluta de que era mesmo isso que eu queria”, continua. “Foi uma viagem de inspiração e, a nível pessoal, deu-me independência e uma grande liberdade.”

Austrália, 2.ª edição, versão luxo

“Antes, eu ficava em pousadas da juventude e hotéis manhosos; depois veio a Frize, foram uns queridos e deram-me um presente.” É assim que Pedro Tochas descreve a sua experiência turística mais luxuosa, resultado de uma “prenda-mesmo-prenda” por parte da marca que é “a pura da loucura”. “Eles não eram obrigados a isso,

mas disponibilizaram um valor e disseram que era para ser gasto em hotéis dos bons”, recorda o artista. “Se me dessem o dinheiro, sabiam que eu ia gastá-lo em espeluncas; assim, tive mesmo que lhes fazer a vontade”. Pedro Tochas garante que, até aí, escolhia sempre o seu alojamento de acordo com a receita de cada espectáculo, mas admite que, dessa vez, “estava tudo a correr muito mal e o pessoal ria-se” à sua custa: “Viam-me fazer 25 dólares na rua e depois dormir numa suite 5 estrelas de 250 dólares por noite, com uma sala inteira a fazer de camarim e eu todos os dias a sair de lá para fora vestido de palhaço.”

Road trip pelos Estados Unidos

Uma das primeiras viagens que Pedro Tochas fez com Raquel Viegas foi uma *road trip* de um mês pelos Estados Unidos, “só com ponto de chegada e de partida, num carro que parecia uma banheira”. Circularam em ziguezague, seguiram uma rota de queijos e fizeram tudo o que os locais recomendaram, como percorrer quilómetros só para apreciar “uma queda de água que diziam que era fabulosa e afinal só tinha calhaus — porque havia lá uma seca tremenda há seis meses e ninguém achou que fosse importante avisar que não havia água.”

policiais e *sitcoms* em duração suficiente para todo o trajecto, em ambos os sentidos.

Sempre que o motivo da viagem é profissional, a bagagem “anda na média dos 19 quilos e obriga a altos esquemas para a coisa ficar controlada”; quando a deslocação é apenas para efeitos de lazer, a mala dá menos nas vistas, mas o seu portador continua a sobressair. “No raio-X dos aeroportos param-me sempre para o *random check*”, revela Pedro Tochas. “Com este cabelo esquisito”, diz ao apontar para uma franja mais comprida que o restante penteado, “o *random* pode ser aleatório, mas é certinho

que me calha sempre a mim”.

Superadas essas questões técnicas, o comediante opta então por conhecer as propostas mais alternativas que lhe recomendam para cada destino e isso implica muitas vezes “fugir aos espectáculos de 180 euros por pessoa e apostar antes em coisas pequenas, experimentais, que só os locais é que sabem onde existem”. Museus e autocarros turísticos só são uma alternativa “lá para a segunda ou terceira visita”, sempre que possível a opção é por *road*

trips à deriva e todas as viagens têm que incluir a compra de um *magnet* para o frigorífico e tempo para um café ou barbecue com “as melhores pessoas do mundo” — que “são as que andam nos festivais” e constituem a sua “rede de amigos distribuída pelo mundo fora”.

Visitas aos países do Terceiro Mundo é que, por princípio, não há. “Não gosto de ver a miséria desses sítios, onde tudo à minha volta é desgraça e nem sequer é daquela com que se possa fazer humor”, confessa Pedro Tochas. “Se a vida é tão curta que mal dá tempo para as coisas boas, não quero passá-la a matutar em coisas más.”